



## **31 DE JULHO DE 2015**

### **Sexta-feira**

- CRISE AFETA 79% DAS FÁBRICAS DO PARANÁ
- FCA AUMENTA EXPRESSIVAMENTE LUCRO LÍQUIDO NO 1º SEMESTRE
- TOYOTA É A MELHOR EM SATISFAÇÃO DOS CLIENTES
- LUCRO LÍQUIDO DA RENAULT CRESCE 83% NO 1º SEMESTRE
- GENERAL MOTORS TRAZ ONSTAR AO BRASIL
- SOLVAY ADQUIRE CYTEC, ESPECIALIZADA EM MATERIAS AVANÇADOS
- GM DOBRA PLANO DE INVESTIMENTO PARA R\$ 13 BILHÕES NO BRASIL
- BRASIL PODE CAIR PARA 9ª MAIOR ECONOMIA DO PLANETA EM 2015
- ARCELORMITTAL MANTÉM PREVISÃO DE LUCRO, APESAR DE MERCADO
- VALE VAI ENCERRAR SEU PROGRAMA DE DESINVESTIMENTOS EM BREVE
- VALE PREVÊ RECUPERAÇÃO DO NÍQUEL, MAS IPO SEGUE INDEFINIDO
- VALE SOBE MAIS DE 5% NA BOLSA COM RESULTADO BILIONÁRIO
- GOVERNADORES QUEREM UNIFICAR ICMS POR FIM DE GUERRA FISCAL
- GOVERNO CENTRAL TEM DÉFICIT PRIMÁRIO DE R\$ 8,205 BI EM JUNHO
- HONDA DIZ QUE NOVA FÁBRICA NO BRASIL INICIARÁ PRODUÇÃO SÓ EM MARÇO DE 2016
- NIPPON STEEL CORTA PRODUÇÃO DE AÇO BRUTO EM 6% NO 3º TRI
- VALE DESENVOLVE, EM MINAS GERAIS, MAIOR PROJETO DE READEQUAÇÃO DA INDÚSTRIA DA MINERAÇÃO
- CORRETORA DE NAVIOS PREVÊ MINÉRIO DE FERRO A US\$ 35 COM RECUPERAÇÃO DE ESTOQUES PORTUÁRIOS
- FERTIPAR SUDESTE INVESTIRÁ R\$ 130 MI EM MG

- FÁBRICAS DE AUTOPEÇAS NEGOCIAM PPE
- CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES TEM LIGEIRA MELHORA EM JULHO, NOTA CNI
- CEPAL: AMÉRICA LATINA CRESCERÁ 0,5% EM 2015, MAS BRASIL ENCOLHERÁ 1,5%
- INDICADOR DE ATIVIDADE DA INDÚSTRIA CAI EM JUNHO ANTE MAIO, SEGUNDO FIESP
- MINÉRIO DE FERRO FECHA JULHO COM PERDAS DE QUASE 11% NO MERCADO CHINÊS
- QUASE 80% DAS INDÚSTRIAS PARANAENSES JÁ FORAM AFETADAS PELA CRISE, REVELA PESQUISA
- MAIORIA DAS EMPRESAS CORTOU OU REDUZIU INVESTIMENTOS EM 2015
- CARGA TRIBUTÁRIA, INFLAÇÃO E CUSTOS DE ENERGIA E MATÉRIAS-PRIMAS PREOCUPAM EMPRESÁRIOS
- EMPRESAS PODEM TIRAR CERTIDÃO NEGATIVA RAPIDAMENTE, MESMO COM PENDÊNCIAS TRIBUTÁRIAS
- SEGUNDO SEMESTRE DEVE SER MAIS DIFÍCIL PARA OS PEQUENOS EMPRESÁRIOS
- MINERADORA VENDE PARTICIPAÇÃO NA MBR POR R\$ 4 BILHÕES

<b>CÂMBIO</b>		
<b>Em 31/07/2015</b>		
	Compra	Venda
Dólar	3,408	3,408
Euro	3,758	3,759

Fonte: BACEN

## Crise afeta 79% das fábricas do Paraná

31/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo



A crise está freando investimentos, provocando demissões e ampliando o pessimismo entre os industriais do Paraná. Pesquisa encomendada pela Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep) revela que 78,8% das empresas industriais paranaenses já foram afetadas de alguma forma pelo cenário econômico desfavorável. Outras 14,4% acreditam que sentirão o impacto da crise até o fim do ano.

### [INFOGRÁFICO: confira os problemas de maior impacto apontados pelos empresários](#)

Entre os maiores problemas apontados pelo setor produtivo no levantamento, que entrevistou representantes de 1.002 empresas do estado de 29 segmentos diferentes, estão a carga tributária (97,2%); a inflação (93,8%); e os elevados custos de energia (92,6%) e matéria-prima (81%).

Sem boas perspectivas para os próximos meses, as indústrias já sentem o efeito no caixa e procuram reduzir custos. De acordo com a pesquisa, devido ao pessimismo, 77% das indústrias cortaram ou reduziram os investimentos com relação ao ano passado. A maioria espera um cenário de recessão ou estagnação econômica em 2015.

“Além do que já impactava o setor, como a carga tributária elevada, apareceram na pesquisa a alta da energia e a inflação, que eleva o custo dos insumos. A indústria fica entre a cruz e a espada, se repassa o custo, sofre com a pressão da concorrência, se não repassa, sente o efeito no caixa”, diz o presidente da Fiep, Edson Luiz Campagnolo.

### **Confiança do setor cai ao pior nível da série histórica**

O Índice de Confiança da Indústria de Transformação do Paraná chegou em julho a 30,9 pontos, uma queda de 10% em relação ao mesmo mês do ano passado e de 4,9% em relação a junho.

É a confiança mais baixa registrada na série histórica que teve início em 2012. Até então, o índice de março deste ano havia sido o mais pessimista.

De acordo com o levantamento, o índice foi puxado negativamente sobretudo pelo indicador de condições atuais das empresas, que caiu 5,8%. “Boa parte das indústrias considera que há uma recessão, as vendas estão caindo e a produção, sendo reduzida”, diz Edson Campagnolo, presidente da Fiep.

### **Emprego**

Com 85%, a indústria química é o setor mais pessimista, segundo o levantamento, resultado da queda nas vendas. “O mais crítico é manter o nível de empregabilidade do setor, pois com a baixa demanda não há necessidade do mesmo número de pessoas e

não temos incentivo do governo para mantê-lo”, diz o presidente do Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas do Paraná (Sinqfar), Marcelo Melek.

Para as indústrias, o Programa de Proteção ao Emprego anunciado pelo governo federal recentemente pouco ajuda, já que algumas medidas são restritas a empresas que já demitiram e que estão sem débitos tributários, o que exclui justamente as que têm maiores dificuldades.

“O programa não atende grande parte do setor, principalmente os pequenos que, quando em dificuldades, deixam de contribuir com os impostos e se veem sem saída. Ouso dizer que o desemprego só não está maior porque as empresas não podem arcar com a verba rescisória”, afirma o presidente da Fiep. De acordo com a pesquisa, 54,3% das indústrias do estado dizem que tentarão manter o nível de emprego em 2015.

## Medidas

A principal medida sugerida pelos entrevistados para melhorar a atividade industrial é fazer uma reforma tributária (48,6%), seguida de qualificação da mão de obra, de políticas de incentivo e de mais crédito e financiamento, grande parte atribuição do governo.

“A indústria paranaense não precisa mais de medidas pontuais, mas de condições macroeconômicas favoráveis para progredir. Sem elas, as ações locais não terão efeito”, analisa Julio Takeshi Suzuki Júnior, diretor-presidente do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes).

Na tentativa de se adequar ao cenário, as empresas recorrem a medidas internas como redução de custos, negociação de prazos e cobrança de inadimplentes.

“É o que temos à mão. É preciso inovar e encontrar alternativas, mas investir, nem pensar. Não há boas perspectivas futuras”, explica Melek, do Sinqfar.

### PERSPECTIVA NEGATIVA

Indústrias paranaenses apontam os problemas de maior impacto causados pela crise

Indústrias que já foram afetadas pela crise em 2015:



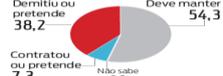
#### INVESTIMENTOS

em relação a 2014, em %



#### EMPREGO

em 2015, em %



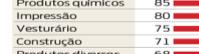
#### PREVISÃO DE FATURAMENTO

2015 em relação a 2014, em %



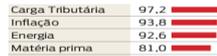
#### SETORES MAIS PESSIMISTAS

em %



#### PROBLEMAS CRÍTICOS QUE O SETOR ENFRENTA ATUALMENTE

em %



#### INICIATIVAS PARA MELHORIA DO SETOR INDUSTRIAL

em %



### SETORES MAIS AFETADOS

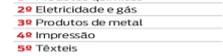
#### ALTO CUSTO DE ENERGIA

em %



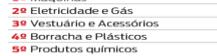
#### ALTO CUSTO DE MATÉRIA PRIMA

em %



#### CARGA TRIBUTÁRIA ELEVADA

em %



#### INFLAÇÃO

em %



#### AMOSTRAGEM

Micro de 1 a 19 funcionários	47,0%	Curitiba	19,5%
Pequena de 20 a 99 funcionários	39,8%	Meso Metropolitana	37,7%
Média de 100 a 499 funcionários	9,2%	Interior	62,3%
Grande mais de 500 funcionários	4,0%		

\*e mão de obra, \*\*e equipamentos, \*\*\*da mão de obra, \*\*\*\*e financiamento  
 Fonte: Paraná Pesquisas/Fiep. Metodologia: A pesquisa foi feita em junho de 2015, com 1002 indústrias de 29 segmentos do Paraná. O erro amostral é de 3%, com confiança de 95%. Infografia: Gazeta do Povo.

## **FCA aumenta expressivamente lucro líquido no 1º semestre**

31/07/2015 - Fonte: Automotive Business

O Grupo FCA – Fiat Chrysler Automobiles – fechou os seis primeiros meses do ano com lucro líquido de € 425 milhões: há um ano, no primeiro semestre de 2014, este valor era € 401 milhões a menos, ou € 24 milhões, conforme dados do balanço financeiro da companhia, divulgado na quinta-feira, 30.

Mesmo com as vendas praticamente estáveis, com pequeno recuo de 0,2%, para 2,28 milhões de unidades, o faturamento cresceu 22,3%, passando de € 45,4 bilhões para € 55,6 bilhões.

O Ebit ajustado do grupo subiu expressivos 43,2% no primeiro semestre, para € 2,32 bilhões, devido ao forte desempenho da América do Norte e contínuas melhorias na Europa, Oriente Médio e África. Os resultados refletem ainda o impacto positivo do fortalecimento do dólar e compensaram parcialmente os desempenhos negativos da América Latina e Ásia Pacífico.

Na América Latina, o Ebit ajustado diminuiu de € 142 milhões no primeiro semestre do ano passado para um prejuízo de € 79 milhões, refletindo os volumes mais baixos de vendas devido ao mercado fraco somado aos custos do início da produção da nova fábrica do grupo em Pernambuco, além dos gastos para o lançamento do Jeep Renegade.

Segundo o relatório, os custos foram parcialmente compensados pelo preço favorável do veículo e, não fosse pelos custos de início das operações da unidade de Goiana e das ações de lançamento, o resultado da companhia beiraria a estabilidade.

Com o resultado global, a FCA revisou para cima suas previsões para o ano: o grupo espera alcançar volume de venda entre 4,8 milhões e 5 milhões de unidades neste ano, com faturamento acima de € 110 bilhões contra os € 108 bilhões previstos anteriormente.

Para o lucro líquido, a companhia prevê resultado entre € 1 bilhão e € 1,2 bilhão, com Ebit ajustado em € 4,5 bilhões.

## **Toyota é a melhor em satisfação dos clientes**

31/07/2015 - Fonte: Automotive Business



A Toyota obteve a melhor classificação entre as marcas de automóveis em satisfação dos clientes com seu serviço pós-venda oferecido nas concessionárias da rede, como manutenção e reparo, de acordo com o Customer Service Index (CSI) Study Brasil 2015, divulgado na quinta-feira, 30, pela J.D. Power.

O estudo CSI faz uma análise da experiência com serviços pós-venda para veículos e é realizado em 16 países pela J.D. Power. Na primeira edição no Brasil, a pesquisa substituiu o estudo Vehicle Ownership Satisfaction Study (Voss) Brasil, oferecendo informações mais aprofundadas de pós-venda para montadoras e concessionárias.

O estudo explora a satisfação dos clientes com as concessionárias examinando cinco fatores listados na ordem de importância: consultor técnico (22%); iniciação do serviço (22%); qualidade do serviço (22%); instalações da concessionária (18%); e retirada do veículo (17%). A satisfação é calculada com base em uma escala de mil pontos.

A Toyota obteve a melhor classificação em satisfação, com 789 pontos. A marca, que também obteve a melhor posição no estudo Sales Satisfaction Index (SSI) Study Brasil 2015, registrou um desempenho particularmente bom em todas as cinco medidas do estudo.

A Hyundai-HMB ficou em segundo com 740 pontos, seguida por Mitsubishi (739), Chevrolet (737) e Honda (732). "O desempenho da Toyota em ambos os estudos demonstra o compromisso da marca com seus clientes no País", diz o gerente-geral da J.D. Power do Brasil, Jon Sederstrom.

O licenciamento de veículos novos no Brasil caiu 20,7% durante os seis primeiros meses de 2015 se comparado com o mesmo período do ano anterior e mais de 200 concessionárias fecharam as portas.

Levando em conta que a venda de carros zero-quilômetro sob essas condições é um desafio, o gerente de pesquisas da J.D. Power do Brasil, Sérgio Sanchez adverte:

"As montadoras e concessionárias devem focar esforços em fornecer um serviço excepcional. Devem fazer isso para aumentar receitas no curto prazo e construir fidelidade para estar mais bem posicionadas quando o mercado voltar a crescer", salientou.

O estudo CSI 2015 revelou que a satisfação com os serviços gera fidelidade e promove as marcas perante os consumidores. Entre os 17% dos clientes "altamente satisfeitos" com os serviços da sua concessionária (pontuações de satisfação geral de 900 ou mais), 74% dizem que "definitivamente comprarão" seu próximo veículo naquela concessionária e 75% "definitivamente recomendarão" a concessionária para amigos e familiares.

No entanto, entre clientes menos satisfeitos (pontuação de 700-899), apenas 33% indicaram a intenção de comprar seu próximo veículo naquela concessionária e 31% disseram que "definitivamente recomendarão" a concessionária para outras pessoas.



## **Lucro líquido da Renault cresce 83% no 1º semestre**

31/07/2015 - Fonte: Automotive Business

No encerramento do primeiro semestre o Grupo Renault apurou lucro líquido de € 1,46 bilhão, aumento expressivo de 83% sobre os ganhos dos mesmos seis primeiros meses do ano passado, quando a companhia reportou € 801 milhões, segundo balanço financeiro divulgado na quinta-feira, 30.

Com emplacamentos em alta de 0,8%, para 1,38 milhão de unidades, o faturamento chegou a € 22,1 bilhões, alta de 12% na mesma base de comparação, com margem operacional de 4,8%, 1,1 ponto porcentual acima do índice registrado há um ano.

Considerando apenas a divisão automotiva, o grupo faturou pouco mais de € 21 bilhões, incremento de 12,4%, graças ao crescimento do volume de vendas. O relatório destaca que houve impacto positivo da queda do euro frente a um conjunto de outras moedas, como o won coreano e a libra esterlina.

Este efeito contribuiu positivamente, em especial nas altas de preços ocorridas no fim de 2014 em países emergentes para compensar a queda das moedas, principalmente no Brasil e na Rússia.

“Em um contexto de recuperação mais forte que o previsto do mercado europeu, e apesar de um ambiente muito mais deteriorado de nossos principais mercados emergentes, os resultados do primeiro semestre do Grupo Renault mostram um novo avanço em relação aos objetivos do plano ‘Drive the Change’.

O sucesso da renovação e ampliação da gama, a dinâmica europeia e o rigor da gestão permitem que o grupo esteja favoravelmente preparado para o alcance de seus objetivos de crescimento do faturamento e margem operacional”, declarou Carlos Ghosn, presidente da Renault.

A margem operacional da divisão automobilística ficou 89% acima da registrada no primeiro semestre do ano passado, para € 656 milhões de euros, atingindo 3,1% do faturamento.

Este desempenho se deve ao crescimento da atividade e redução dos custos. Segundo a empresa, o impacto das moedas é favorável neste semestre, entretanto, o efeito mix/preço/enriquecimento ficou negativo.

Do total ganho pelo grupo nos seis primeiros meses de 2015, a Nissan contribuiu com € 979 milhões, crescimento de 24% frente ao resultado obtido no primeiro semestre de 2014. Já a AvtoVaz aumentou seu prejuízo, de € 55 milhões para € 70 milhões em um ano. Com isso, a contribuição dessas marcas no faturamento ficou em € 912 milhões, 25,7% a mais do que no ano passado, graças ao crescimento expressivo da Nissan.

Para 2015, o Grupo Renault projeta crescimento de 1% das vendas globais totais de veículos, apesar da grande desaceleração dos mercados emergentes, enquanto o mercado europeu deve ter avanço de pelo menos 5%.

Neste contexto, o grupo elenca como objetivos para 2015 aumentar emplacamentos e faturamento (considerando taxas de câmbio constantes), manter a melhoria da margem operacional e da divisão automobilística e gerar um fluxo de caixa livre operacional positivo da divisão.

## **General Motors traz OnStar ao Brasil**

31/07/2015 - Fonte: Automotive Business

A tecnologia **OnStar** estreia até o fim deste ano no País em modelos da General Motors. Inédito em carros nacionais, o sistema vai oferecer diversos serviços, entre eles o de concierge, desenvolvido especificamente para o mercado brasileiro. O sedã Chevrolet Cruze e o hatch Cruze Sport6 serão os primeiros beneficiados.

Ao pressionar um botão na base do retrovisor, o motorista é conectado à central de atendimento OnStar e pode pedir, enquanto dirige, que o atendente busque informações na internet. Com isso é possível fazer consultas rápidas como previsão do tempo para a semana e cotação do dólar do dia, por exemplo.

Toda a conversa ocorre por um sistema de áudio do carro, que é equipado com um canal específico de comunicação e independe de um telefone celular. Outra comodidade do serviço de concierge do OnStar é que ele funciona como um tipo de assistente pessoal capaz de reservar uma mesa em restaurante ou mesmo agendar horário em um salão de beleza, sempre mediante disponibilidade.

Os atendentes também podem dar informações turísticas ou sobre pontos de interesse (POI). "O OnStar humaniza o automóvel porque cria uma forte interação com o usuário e gera a percepção de que ele nunca está sozinho. Isso muda a experiência ao dirigir", afirma o diretor de Customer Experience da GM América do Sul, Carlos Meinert.

### **EMERGÊNCIAS E RODÍZIO**

O serviço de concierge também é útil em emergência. Por exemplo, na iminência de falta de combustível o motorista pode solicitar que seja enviado ao GPS do carro o destino até o posto mais próximo.

Se houver necessidade de auxílio de terceiros, como para a troca de um pneu furado ou em caso de pane mecânica, o atendente direciona a ligação para o Chevrolet Road Service, indicando o local do problema.

Informações sobre vias bloqueadas ou alagadas também estarão à disposição do motorista pelo OnStar. A tecnologia consegue identificar, pelo final da placa, que o veículo está em um dia de rodízio e emite alerta automático ao condutor. Esse aviso estará programado para ocorrer em área superior à da restrição para que o motorista seja informado com antecedência.

A central de atendimento do OnStar funcionará 24 horas de segunda a domingo e estará disponível para clientes Chevrolet de todo o País que habilitem a tecnologia habilitada em seus veículos. Por se um sistema de telemática avançado, o OnStar também vai oferecer serviços de emergência, segurança, navegação e conectividade.

### **Veja alguns benefícios do sistema:**

- **segurança** - ajuda no processo de recuperação em caso de roubo do veículo;
- **emergência** - notificação automática de acidente, assistência 24 horas por meio de uma central de atendimento e de informações;
- **conectividade** - possibilidade de comandar e verificar diversos itens do carro a distância por um aplicativo no smartphone, incluindo o travamento/destravamento das portas e o acionamento da buzina e do pisca-alerta, por exemplo;
- **navegação** - envio de destinos de forma remota ao sistema multimídia do veículo.

Segundo a General Motors, o OnStar tem 7 milhões de usuários em todo o mundo. Está há 19 anos no mercado internacional e atingiu 1 bilhão de atendimentos, um contato a cada dois segundos em média.

### **Solvay adquire Cytec, especializada em materias avançados**

31/07/2015 - Fonte: Automotive Business

O Grupo Solvay assinou acordo definitivo para adquirir a Cytec por valor em dinheiro equivalente a US\$ 75,25 por ação. O total da transação em ações será de US\$ 5,5 bilhões, o que significa um valor de empresa de US\$ 6,4 bilhões.

Com suas soluções em materiais leves, a Cytec ajudará a Solvay a encontrar alternativas para redução de emissões de gás carbônico para a indústria automobilística. A transação deve ser concluída no último trimestre deste ano.

"A proposta de aquisição da Cytec marca uma mudança significativa no portfólio da Solvay. É uma oportunidade única para impulsionarmos a oferta de materiais avançados na indústria aeroespacial, aeronáutica, automotiva e também para reforçarmos o portfólio de produtos químicos para mineração", afirma o CEO da Solvay, Jean-Pierre Clamadiou.

A Cytec é sediada em Nova Jersey, tem 4,6 mil funcionários em todo o mundo e gerou vendas de US\$ 2 bilhões e 20% de margem de resultado operacional (Rebitda) em 2014.

Quase metade de suas vendas ocorre na América do Norte. Um terço fica na Europa e o restante se distribui entre Ásia-Pacífico e América Latina.

### **GM dobra plano de investimento para R\$ 13 bilhões no Brasil**

31/07/2015 - Fonte: CIMM

A General Motors anunciou nesta terça-feira (28) que está ampliando seu plano de investimentos no Brasil para R\$ 13 bilhões no período de 2014 a 2019.

O aporte extra, de R\$ 6,5 bilhões, tem como objetivo fortalecer o negócio da GM através do desenvolvimento de uma nova família global de veículos Chevrolet especialmente concebida para atender as novas demandas do consumidor.

Essa nova família de veículos está sendo desenvolvida por um time multinacional de engenheiros e designers para que esses produtos atendam perfeitamente as expectativas dos consumidores a quais serão destinados, como Brasil, China, Índia e México. Não há planos de exportá-los para mercados maduros, como os Estados Unidos.

Hoje, a Chevrolet anunciou que investirá US\$ 5 bilhões (R\$ 16 bilhões) globalmente neste novo projeto para fortalecer a sua competitividade em mercados em desenvolvimento.

"No Brasil, este novo investimento permitirá à marca Chevrolet continuar a renovação de sua linha de automóveis com foco em conectividade, segurança, eficiência energética e valor atraente", detalhou Jaime Ardila, presidente da General Motors América do Sul.

Desde o último anúncio, feito em agosto de 2014, a empresa vem atualizando seu portfólio de produtos e está preparando o lançamento de duas novas tecnologias: o OnStar e a segunda geração do MyLink, que possibilitará ampliar a integração entre motorista, smartphone e o carro de uma forma sem precedentes em produtos nacionais.

De acordo com Santiago Chamorro, presidente da General Motors do Brasil, este é o maior plano de investimentos já feito pela companhia no país e demonstra o compromisso e a confiança que a empresa tem no Brasil e no potencial de crescimento do mercado local.

Com esse novo anúncio, a GM dobrará seus investimentos no país nos próximos quatro anos, o que dará uma média de quase R\$ 2 bilhões investidos anualmente no Brasil.

## **Brasil pode cair para 9ª maior economia do planeta em 2015**

31/07/2015 - Fonte: CIMM

A recessão e o real cada vez mais fraco podem levar o Brasil a perder dois postos no ranking das maiores economias do planeta em 2015. Levando-se em conta as estimativas mais pessimistas do mercado coletadas pelo Banco Central, o país poderá deixar o posto de sétima maior economia do mundo registrado em 2014 ao ser ultrapassado por Índia e Itália.

Assim, o Brasil, que comemorou o título de sexta potência há apenas quatro anos, pode voltar casas no tabuleiro para terminar dezembro como a nona economia mundial.

Diante das apostas de recessão mais acentuada e com a desvalorização acumulada de mais de 20% do real em 2015, o tamanho da economia brasileira medido em dólares pode diminuir até 23% na comparação com o ano passado, revela levantamento feito pelo Broadcast, serviço em tempo real da Agência Estado, com dados do Fundo Monetário Internacional (FMI) e estimativas do mercado coletadas pelo Banco Central na pesquisa Focus.

Nesse quadro mais pessimista, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil pode terminar o ano em US\$ 1,81 trilhão. O cenário usa como parâmetro as piores previsões da pesquisa Focus: contração da economia de 2,8% este ano e dólar médio de R\$ 3,23 em 2015.

A estimativa também leva em conta um deflator de 8,9%. Assim, o tamanho da economia brasileira ficaria atrás da Índia, cujo PIB projetado pelo FMI é de US\$ 2,31 trilhões neste ano, e também da Itália, com expectativa de US\$ 1,84 trilhão.

Se forem usadas previsões medianas da pesquisa Focus - que mostram estimativa intermediária, distante do cenário mais pessimista e do mais otimista -, o PIB em dólares ficaria em US\$ 1,91 trilhão, acima do montante projetado para a Itália. Nesse caso, portanto, o Brasil seria ultrapassado apenas pela Índia e ficaria como oitava economia do mundo.

### **Reviravolta**

Há alguns anos, enquanto o mundo desenvolvido recolhia os cacos da crise de 2008, o Brasil despertou a admiração mundial pelo sucesso na condução da economia. O governo chegou a citar que o País poderia ser a quinta economia do mundo até 2020.

Em pleno boom de commodities, atingiu o posto de sexta maior economia do planeta em 2011, quando superou o Reino Unido. Em 2012, porém, o País recuou um degrau e devolveu a sexta posição aos ingleses.

"Não estamos em uma corrida de PIBs, mas o quadro global já mostrava que a Índia ultrapassaria o Brasil em 2015. Agora, com a recessão e o real cada vez mais fraco, é óbvio que os números brasileiros pioram ainda mais", diz o economista para o Brasil do espanhol BBVA Research, Enestor dos Santos.

Ele ressalta que o mercado não toma esse tipo de ranking como indicador, mas no longo prazo, o PIB confirma que o Brasil vive outro ciclo. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

### **ArcelorMittal mantém previsão de lucro, apesar de mercado**

31/07/2015 - Fonte: Exame



A ArcelorMittal, maior siderúrgica do mundo, disse que se sairá melhor no segundo semestre do ano do que no primeiro e manteve suas metas de lucro, apesar de ter reduzido sua previsão global para a demanda por aço.

A companhia disse esperar que as melhoras do segundo semestre venham dos Estados Unidos, notadamente de sua fábrica em Calvert, Alabama, e menores custos gerais em seus negócios de aço e mineração.

"Esses fatores apontam em direção ao piso da faixa de nossa meta. Se as condições do mercado melhorarem no segundo semestre, eu esperaria ficar em um patamar intermediário ou na metade superior", disse o vice-presidente financeiro da empresa, Aditya Mittal, em teleconferência.

A ArcelorMittal, que produz de 6 a 7 por cento do aço do mundo, repetiu que seu lucro principal para 2015 ficará entre 6 bilhões e 7 bilhões de dólares, ante 7,2 bilhões de dólares em 2014. A empresa disse que o consumo global aparente de aço, que inclui mudanças de estoques, ficará estável em 2015, comparado a uma previsão anterior de crescimento entre 0,5 e 1,5 por cento.

### **Vale vai encerrar seu programa de desinvestimentos em breve**

31/07/2015 - Fonte: Exame



A Vale deve concluir em breve seu plano de desinvestimentos. "O programa está muito próximo de terminar", disse o presidente da empresa, Murilo Ferreira, durante conferência com jornalistas para divulgação dos resultados do trimestre, nesta quinta-feira (29).

Pela manhã, a mineradora havia anunciado que venderá uma parcela de 36,4% na MBR a um fundo de investimentos gerido pelo Bradesco por 4 bilhões de reais. Ela é dona de 98,3% do capital da subsidiária, que atua no transporte e embarque portuário de minério de ferro.

A companhia também comunicou que concluiu a venda de quatro navios para a China Merchants Energy Shipping Co. A transação é resultado de acordos assinados em setembro de 2014 e março deste ano e totalizou 448 milhões de dólares.

De acordo com Ferreira, grande parte do déficit de caixa livre da Vale já foi coberto com desinvestimentos, mas a empresa pode reduzir ainda mais suas participações na produtora de bauxita MRN e na operadora de logística MRS.

"Podemos também desinvestir em mais alguns navios", afirmou o executivo. "O programa segue seu curso, mas não temos ansiedade em realizar nenhuma venda, por isso ele não foi desenhado a curto prazo", completou.

Desde o início do plano, em 2011, a mineradora também já se desfez de parte de suas ações na transportadora VLI e em projetos de extração e transporte de carvão em Moçambique.

Graças a uma estratégia de redução de custos e ao aumento da produção, a Vale conseguiu contornar a forte queda do preço do minério de ferro e registrou um lucro líquido de 5,1 bilhões de reais entre abril e junho deste ano.

O bom resultado vem em seguida a três trimestres consecutivos de perdas para a companhia.

"O objetivo da empresa de focar no negócio principal, que é níquel, cobre, minério de ferro, fertilizantes e carvão, continua", garantiu Ferreira.

### **Vale prevê recuperação do níquel, mas IPO segue indefinido**

31/07/2015 - Fonte: Exame



A mineradora Vale acredita em uma recuperação dos preços do níquel no segundo semestre do ano, mas a possível listagem de uma fatia da unidade de metais básicos da companhia permanece indefinida, afirmou nesta quinta-feira o presidente da mineradora, Murilo Ferreira.

"Nós não enxergamos, até o momento, nenhuma modificação nos conceitos que nos faziam esperar um preço de níquel melhor neste ano", disse Ferreira a jornalistas, explicando que a China está entrando em um déficit importante e vai precisar de níquel refinado no segundo semestre.

Ferreira admitiu, no entanto, que o preço médio para o níquel em 2015 será inferior ao previsto anteriormente, já que níveis de estoques mostraram que premissa não estava correta.

"Nós continuamos desenvolvendo tarefas relativas ao IPO (oferta pública inicial), mas não existe nenhuma decisão tomada", afirmou Ferreira.

Uma recuperação do preço do nível é fator importante para a decisão sobre o IPO. "Precisamos estar preparados para o momento adequado, essa operação não seria para fazer caixa, seria para destravar (adicionar) valor."

Recentemente, um executivo da Vale afirmou que a mineradora considerava oferta pública de ações de 25 por cento a 30 por cento de sua divisão de metais básicos.

### **FIM PRÓXIMO DA VENDA DE ATIVOS**

O presidente afirmou ainda que o plano de desinvestimentos da companhia está muito perto da sua conclusão, após ter anunciado uma transação de 4 bilhões de reais nesta quinta-feira.

Segundo Ferreira, a partir do segundo semestre do ano que vem, a empresa já terá recursos oriundos das vendas de minério de ferro do S11D, o maior projeto da mineradora.

Os desinvestimentos anunciados recentemente contribuíram, segundo Ferreira, para cobrir grande parte do déficit no fluxo de caixa livre da empresa. Entretanto, acrescentou ainda não poder afirmar que a questão do déficit está completamente resolvida "por não saber do comportamento de preços futuros".

Outros desinvestimentos podem ser anunciados em breve, afirmou Ferreira. Podem ocorrer novas vendas de navios, assim como outras vendas de fatias em ativos.

"Temos interesse em desinvestir nossa participação na Mineração Rio do Norte (MRN), produtora de bauxita, examinamos a possibilidade de reduzir nossa participar MRS, empresa de logística, e podemos desenvolver outras alternativas", afirmou.

O executivo disse ainda que não há nada para anunciar sobre a busca da companhia por um parceiro estratégico na área de fertilizantes que, segundo ele, está caminhando mais lentamente do que o esperado. A empresa tem uma grande projeção de potássio na Argentina que está suspenso.

## **Vale sobe mais de 5% na Bolsa com resultado bilionário**

31/07/2015 - Fonte: Exame



As ações da Vale subiam forte nesta quinta-feira e lideravam a alta do Ibovespa. Os papéis ordinários registravam ganhos de 5,56% e os preferenciais de 4,96%. O mercado repercutiu a divulgação dos dados referente ao segundo trimestre deste ano. No período, a mineradora teve lucro líquido de 5,144 bilhões de reais.

O resultado é o primeiro positivo após três trimestres consecutivos de perdas.

Em dólares, o lucro líquido foi de 1,675 bilhão no último trimestre. O Ebitda ajustado da companhia, importante indicador da geração de caixa, somou 6,817 bilhões de reais no segundo trimestre, ante 9,136 bilhões no mesmo período de 2014.

No ano, as ações preferenciais da Vale acumulam perdas de 14% e as ordinárias de 8,47%.



## **Governadores querem unificar ICMS por fim de guerra fiscal**

31/07/2015 - Fonte: Exame



Os governadores dos estados de todo o país defenderam hoje (30), após se reunirem com a presidente Dilma Rousseff, no Palácio da Alvorada, em Brasília, a unificação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) como medida necessária para o fim da chamada "guerra fiscal" entre os estados.

A questão do ICMS era um dos temas principais da pauta do Congresso Nacional que Dilma pretendia tratar com os governadores, já que os parlamentares retornam do recesso na próxima segunda-feira (3).

Em entrevista coletiva ao lado dos governadores, o ministro-chefe da Casa Civil, Aloizio Mercadante, ressaltou a importância do apoio deles nessa questão.

"Teríamos um único código tributário, que seria implantado aos poucos. Ajuda no crescimento, no fim da guerra fiscal", disse Mercadante.

Para o governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), a defesa que os governadores fazem da unificação do imposto está atrelada à necessidade de outras formas de compensação.

Ele afirmou que na agenda federativa apresentada pelos governadores está a "reforma do ICMS, porém com fundos garantidores que tenham outras fontes que não sejam apenas o repatriamento [de ativos no exterior]; queremos outras fontes de compensação".

A proposta de repatriação de recursos de brasileiros no exterior faz parte das negociações sobre a reforma do ICMS. O dinheiro proveniente dessa fonte será usado para a criação de dois fundos, que irão compensar as perdas que os estados terão com a unificação do imposto. Para isso, a presidente criou neste mês de julho, por medida provisória, os fundos de Desenvolvimento Regional e de Compensação dos Estados.

Na opinião de Geraldo Alckmin (PSDB), governador de São Paulo, o imposto só pode ser unificado se for adotado como parâmetro um convênio do Conselho Nacional da Política Fazendária que estabelece regras para a concessão de anistia de créditos tributários.

“Defendemos a reforma do ICMS [adotando a] regra de diminuição das chamadas alíquotas, que simplifica, evita a guerra fiscal e o imposto caminha para [se tornar um imposto sobre] o consumo. É o melhor para o país”.

O governador de Goiás, Marconi Perillo, defendeu “a imediata sanção” do projeto de lei que trata dos depósitos judiciais.

A proposta, do senador José Serra (PSDB-SP), aprovada neste mês pelo Congresso Nacional, permite que estados e municípios saquem, de imediato, cerca de R\$ 21 bilhões para pagamento de precatórios judiciais, dívida pública e investimentos. A partir de 2016, eles teriam direito a retirar R\$ 1,6 bilhão por ano.

Além disso, o governador goiano fez o coro em prol da governabilidade da presidente Dilma Rousseff e apoiou o ajuste fiscal praticado pelo governo federal.

“Os governadores do Centro-Oeste apoiaram a governabilidade, o Estado de Direito e o apoio ao ajuste fiscal”.

Durante a reunião, que durou cerca de três horas e meia, as principais exposições foram divididas entre alguns governadores. Flávio Dino (PCdoB), do Maranhão, discorreu representando a Amazônia Legal.

O governador de Goiás, Marconi Perillo (PSDB), falou em nome do Centro-Oeste, assim como Geraldo Alckmin (PSDB-SP) pelo Sudeste, Raimundo Colombo (PSD-SC) pelo Sul e Ricardo Coutinho (PSB-PB) pelo Nordeste.

Após as falas, outros governadores também tiveram a palavra durante a reunião. Pelo menos dez ministros participaram do encontro, alguns dos quais foram convidados por Dilma a discorrer sobre temas como segurança pública (José Eduardo Cardozo, da Justiça) e articulação com o Congresso (Eliseu Padilha, chefe da Secretaria de Aviação Civil).

O vice-presidente Michel Temer, os ministros da Fazenda, Joaquim Levy, e do Planejamento, Nelson Barbosa, também se pronunciaram aos governadores.

Na fala de abertura do encontro, a presidente disse que os brasileiros estão “sofrendo” e pediu união para superar a crise.

Dilma disse ainda que não nega as dificuldades pelas quais o país passa, mas disse que o país tem condições de sair da situação na qual se encontra.

## **Governo Central tem déficit primário de R\$ 8,205 bi em junho**

31/07/2015 - Fonte: Exame

A queda na arrecadação de tributos federais e o aumento nas despesas levaram a um forte déficit primário nas contas do Governo Central em junho e a um resultado deficitário no primeiro semestre, o primeiro da história.

No mês passado, as contas do Governo Central, que reúne Tesouro Nacional, Previdência Social e Banco Central, foram negativas em R\$ 8,205 bilhões, o pior resultado desde o início da série histórica, em 1997.

Com isso, o resultado primário do primeiro semestre foi deficitário em R\$ 1,597 bilhão. No mesmo período do ano passado, o resultado primário acumulava superávit de R\$ 17,355 bilhões.

É a primeiro déficit registrado no primeiro semestre na série histórica. Em 12 meses, o Governo Central acumula déficit de R\$ 38,6 bilhões - o equivalente a - 0,68% do PIB.

O resultado de junho ficou abaixo do piso das expectativas do mercado financeiro - levantamento do AE Projeções com 15 instituições do mercado financeiro mostrou que as previsões eram de déficit de R\$ 6,700 bilhões a superávit de R\$ 600 milhões, com mediana de déficit de R\$ 3,650 bilhões.

Com dificuldades para fazer um superávit primário maior neste ano, a equipe econômica reduziu a meta para o Governo Central em 2015 na semana passada, que foi de R\$ 55,2 bilhões para R\$ 5,8 bilhões.

### **Receitas**

O resultado das receitas de junho representa uma queda real de 3,4% em relação a junho de 2014. Já as despesas tiveram aumento real de 2,1%. No primeiro semestre, as receitas do governo central recuaram 3,5 % e as despesas aumentaram 0,5%.

## **Honda diz que nova fábrica no Brasil iniciará produção só em março de 2016**

31/07/2015 - Fonte: Época Negócios



O vice-presidente-executivo da Honda Motor, Tetsuo Iwamura, disse que a nova fábrica de automóveis da companhia no Brasil iniciará a produção em março do ano que vem, pouco depois do plano original da companhia, que previa o começo da produção em 2015.

Iwamura também disse que as vendas da montadora na China estão fortes e que espera atingir a meta de vendas anual de 950 mil carros.

## **Nippon Steel corta produção de aço bruto em 6% no 3º Tri**

31/07/2015 - Fonte: InfoMoney

A Nippon Steel & Sumitomo metal Corp, maior siderúrgica japonesa, planeja cortar a produção de aço bruto entre julho e setembro em 690 mil toneladas, ou 6 por cento em comparação com o ano passado, em estratégia para reduzir estoques.

A queda para 10,9 milhões de toneladas deve ocorrer em linha com os 6,1 por cento de previsão de queda do ministério da indústria do Japão da produção de aço bruto do país para o período, e pode levar a empresa à produção mais baixa em seis anos para um terceiro trimestre.

A Nippon Steel já havia cortado em quase 9 por cento a produção para o trimestre de abril a junho.

"O ajuste nos estoques está demorando mais do que o esperado. Mas ainda assim terminará no verão", disse o vice-presidente executivo da siderúrgica, Katsuhiko Ota, a jornalistas nesta quarta-feira.

## **Vale desenvolve, em minas gerais, maior projeto de readequação da indústria da mineração**

31/07/2015 - Fonte: InfoMoney

A Vale está desenvolvendo em Minas Gerais um dos maiores projetos de readequação da indústria da mineração: o Itabiritos. Com investimentos de U\$5,5 bilhões na construção e adaptação de usinas de beneficiamento, vai ser possível reaproveitar o minério de ferro de baixo teor que foi guardado em pilhas formadas ao longo das últimas quatro décadas.

O investimento nas tecnologias de processamento irá aumentar o atual volume de produção e estender a vida útil de três minas: Vargem Grande, em Nova Lima, na região metropolitana de Belo Horizonte, Conceição e Cauê, ambas em Itabira.

Cauê foi a primeira operação de minério de ferro da Vale, inaugurada em 1942. As obras devem estar totalmente concluídas no início do próximo ano.

O projeto vai adicionar 65 milhões de toneladas por ano à produção nominal da Vale. Deste total, 26 milhões representam aumento real de capacidade.

"O Projeto Itabiritos é muito importante para a Vale no atual cenário de mercado, em que a qualidade do produto e o aumento da produtividade são fundamentais", explica o diretor de Projetos de Ferrosos Sudeste, Carlos Miana.

As plantas de Conceição Itabiritos I, em funcionamento desde 2013, e Vargem Grande Itabiritos, cujo start up ocorreu no segundo semestre de 2014 já contribuíram para que a Vale conseguisse operar no primeiro trimestre deste ano, com um custo de produção do minério de ferro entregue no porto abaixo de US\$ 20 por tonelada - caiu de US\$ 23,2, no 4T14, para US\$ 19,8, no 1T15.

A planta de Conceição Itabiritos II iniciou sua operação agora em junho e Cauê Itabiritos terá seu start up até o final deste ano.

O projeto consiste em beneficiar minérios pobres com até 40% de teor de ferro e alta presença de contaminantes (sílica e fósforo), os chamados itabiritos compactos, oriundos da área atual de lavra e de pilhas de estoque. Nestas pilhas, estão guardados ainda minérios ultrafinos de alto teor, com tamanho menor que um milímetro. No processo, o minério pobre é fragmentado em partículas superfinas e misturado aos ultrafinos da pilha.

Depois, ambos são concentrados, gerando pellet feed (insumo para pelotas) e, em alguns casos, sinter feed, com teor de até 69% de ferro e baixa presença de sílica, tornando-os atrativos ao mercado mundial. O projeto reduz o impacto ambiental, pois elimina a necessidade de novas áreas para constituição de novas pilhas.

"Ao lado do S11D e de projetos de expansão, como a Planta 2 e a mina N4WS, em Carajás, o beneficiamento de itabiritos compactos em Minas Gerais vai ajudar a Vale a aumentar em 35% a sua produção de minério de ferro nos próximos quatro anos, passando de 340 milhões de toneladas, previstos para este ano, para 459 milhões, em 2019", afirma diretor de Operações de Ferrosos Sul, Centro-Oeste e Manganês, José Flávio Gouveia.

### **Terceira Onda**

Diferentemente do que se pode imaginar, a produção de minério de ferro em uma mina não ocorre apenas uma vez. O projeto da Vale de utilizar itabiritos compactos, com teores abaixo de 40%, é considerado por especialistas como a terceira onda do setor.

A primeira ocorreu entre as décadas de 1940 e 1960, quando a siderurgia utilizava basicamente o chamado minério granulado (lump), com tamanhos entre seis e 50 milímetros, de alto teor, retirado de rochas conhecidas como hematita.

Naquela época, a tecnologia dos altos fornos siderúrgicos não permitia o uso de minérios de menor granulometria, pois isto afetava a permeabilidade do equipamento, provocando a queda da produtividade.

O resultado foi o grande acúmulo de finos nas minas, com tamanho menor que seis milímetros. O desenvolvimento da tecnologia de aglomeração resolveu o problema dos finos, que, após beneficiamento, se transformaram em pellet feed e sinter feed.

Em 1956, a Vale decidiu entrar no mercado de pelotas, com a construção de sua primeira usina de pelotização, integrando-a à estrutura mina-ferrovia-porto. Em pouco tempo, as pelotas passaram a ocupar um lugar de destaque nos resultados da empresa, tão importante quanto o minério de ferro.

Poucos anos depois, porém, a Vale viu sua produção de minério de alto teor se reduzir ao mesmo tempo em que a competição internacional se acirrava, com a entrada da Austrália no mercado. Surgia, então, a segunda onda do setor, quando a Vale passou a usar o minério de ferro de rochas de itabirito friável, com teores entre 40% e 60%.

Para desenvolver a tecnologia de beneficiamento dos minérios de menores teores, a empresa criou, em junho de 1965, o Centro de Desenvolvimento Mineral (CDM), que funciona até hoje em Santa Luzia, município da região metropolitana de Belo Horizonte.

### **Projetos**

Conceição Itabiritos I - Construção de nova Instalação de Tratamento de Minério (ITM) para o beneficiamento do itabirito compacto com baixo teor de ferro, retirado das pilhas de estéril. Capacidade: 12 Mtpa. Entrou em operação no 4T13.

Conceição Itabiritos II - Adequação da usina em operação para o beneficiamento do itabirito compacto com baixo teor de ferro extraído da Mina Conceição. Capacidade: 19,5 Mtpa. Entrou em operação no 1S15.

Vargem Grande Itabiritos - Construção da nova planta de beneficiamento de minério de ferro. Capacidade: 10 Mtpa. Entrou em operação no 2S14.

Cauê Itabiritos - Adequação da usina em operação para o beneficiamento do itabirito compacto com baixo teor de ferro. Capacidade: 23,7 Mtpa. Início de operação previsto para 2S15.

## **Corretora de navios prevê minério de ferro a US\$ 35 com recuperação de estoques portuários**

31/07/2015 - Fonte: InfoMoney

As posses provavelmente vão continuar se recuperando, depois de terem atingido o valor mais baixo em 19 meses, graças ao aumento da oferta, segundo a Clarksons Platou Securities Inc., a maior corretora de navios do mundo, que diz que os preços poderiam cair para US\$ 35 a tonelada no segundo semestre.

Os estoques, de 82,5 milhões de toneladas na semana passada, poderiam chegar a 95 milhões de toneladas por volta de setembro, disse o Australia New Zealand Banking Group Ltd. "Como consideramos que a produção chinesa de aço encerrará o ano com um declínio em relação ao ano anterior, a oferta terá que ir para algum lugar e os estoques portuários são o lugar lógico", disse Jeremy Sussman, analista da Clarksons em Nova York, por e-mail.

### **Ferro: minério de ferro foi afetado por dois fatores neste ano**

O minério de ferro foi afetado por dois fatores neste ano. O metal despencou neste mês para o nível mais baixo em pelo menos seis anos, porque os estoques nos portos diminuíram e depois se recuperaram.

As maiores companhias mineradoras do mundo, entre elas a BHP Billiton Ltd. e a Vale SA, aumentaram a produção, embora o crescimento da demanda tenha estagnado na China, no intuito de impulsionar as vendas e reduzir os custos. Mais incrementos na produção de baixo custo poderiam fazer com que os preços desabem para a faixa dos US\$ 30 neste ano, segundo o Citigroup Inc.

"Talvez os níveis de estoque comecem a crescer modestamente nos próximos meses, já que o crescimento da oferta está acelerando mais uma vez. Contudo, em um mercado de compradores, é provável que isso acarrete mais declínios nos preços", disse o Goldman Sachs Group Inc. em um relatório na segunda-feira. O banco projeta que o minério de ferro vai cair nos próximos quatro trimestres.

### **Recorde**

O minério com 62 por cento de conteúdo enviado para Qingdao subiu 2,1 por cento, para US\$ 53,45 a tonelada seca, na terça-feira, o nível mais alto em mais de três semanas, segundo a Metal Bulletin Ltd. Os preços afundaram para US\$ 44,59 em 8 de julho, um recorde nos dados que remontam a maio de 2009, e ganharam 19,9 por cento desde então.

Os estoques nos portos se contraíram do recorde de 113,7 milhões de toneladas em julho de 2014 para apenas 79,4 milhões de toneladas em junho depois de quatro declínios trimestrais, segundo dados semanais compilados pela Shanghai Steelhome Information Technology Co. A queda de 21 por cento nos três meses encerrados em junho ajudou a que os preços tivessem um rali de 16 por cento.

O principal motivo para a acumulação de estoques portuários é a desaceleração da demanda chinesa por aço, segundo Anurag Soin, analista do ANZ. A atividade se manterá fraca durante os próximos dois meses, o que aumentará ainda mais os estoques nos portos, disse ele por e-mail.

A produção de aço na China caiu 1,3 por cento no primeiro semestre, depois de ter atingido um pico no ano passado, segundo a China Iron Steel Association. Como o consumo aparente recuou 4,7 por cento nos primeiros seis meses de 2015, mais usinas estavam tentando vender no exterior, disse o grupo em um comunicado nesta semana.

## **Fertipar Sudeste investirá R\$ 130 mi em MG**

31/07/2015 - Fonte: Diário do Comércio

A Fertipar Sudeste, empresa de fertilizantes do grupo paranaense Fertipar, vai investir, entre este ano e 2016, R\$ 130 milhões na construção de duas novas fábricas no Estado, em Martins Soares (Zona da Mata) e Iguatama (região Centro-Oeste). As unidades, que irão produzir adubos, devem gerar cerca de 200 empregos diretos.

"A agricultura é o setor que está movendo o País. Existe crise na cidade, mas ela ainda não chegou ao campo. E embarcamos de carona nisso", afirmou o gerente de Marketing da Fertipar Sudeste, Nelson Chipichopi. Segundo ele, as novas unidades irão permitir à empresa ampliar o mercado em Minas Gerais.

Além do bom nível de atividade do agronegócio mineiro e nacional, mesmo diante de uma economia em recessão, a dependência do Brasil no que diz respeito à importação de fertilizantes é outro fator que motivou os investimentos da empresa. As compras externas de fertilizantes pelo País giram em torno de 70% do consumo e, em alguns casos, atingem até 90%.

"O brasileiro não consegue produzir adubos em escala porque depende de insumos importados. O Brasil está longe de ser autossuficiente em matérias-primas para fertilizantes. O que o solo não tem, o produtor tem que completar com fertilizantes e adubos. E isso também estimulou nosso investimento", explicou o gerente.

Uma vez que os insumos para a produção de fertilizantes são importados, a valorização do dólar frente ao real também vai pressionar os custos da empresa. No entanto, Chipichopi explicou que as compras são feitas com antecedência e que somente quando novas aquisições de matérias-primas forem feitas com o câmbio atual, os preços dos produtos devem sofrer impacto.

**Compras** - Por outro lado, apesar de comprar insumos no exterior, a Fertipar Sudeste pretende ampliar as compras de máquinas e equipamentos no Estado. Com esse objetivo, a empresa participou, ontem, do Projeto Compre Bem, da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), na sede da entidade, em Belo Horizonte. O programa tem como premissa divulgar o potencial de fornecedores mineiros para empresas compradoras de todo o País e viabilizar oportunidades de negócios.

De acordo com Chipichopi, a empresa ainda compra muito equipamento em São Paulo, mas o intuito é desenvolver fabricantes mineiros e ampliar as aquisições no Estado.

Entre os diversos produtos e serviços, a Fertipar Sudeste busca novos fornecedores nas áreas de automação industrial, elétrica, máquinas e equipamentos, pneumáticos, terraplenagem e engenharia.

Por causa dos componentes corrosivos usados nas fabricações dos adubos e corretivos agrícolas, a Fertipar Sudeste tem que se dedicar à manutenção das máquinas em suas fábricas durante boa parte do ano.

O consumo anual de suprimentos para manutenção das plantas da empresa é de aproximadamente R\$ 2 milhões.

A Fertipar Sudeste tem sede em Varginha (Sul de Minas), mas pertence ao grupo Fertipar, com matriz em Curitiba. O conglomerado detém participação significativa do mercado brasileiro do segmento, além de ter 12 empresas atuando em todos os polos agrícolas do País.

## **Fábricas de autopeças negociam PPE**

31/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

Empresas do setor de autopeças instaladas no Estado de São Paulo começaram a procurar sindicatos que representam seus trabalhadores com o objetivo de costurar acordos para adesão ao novo programa de proteção ao emprego, o PPE. O processo, porém, está, na

maioria dos casos, em fase de consultas ou negociações iniciais, sem ainda envolver as grandes montadoras, vistas como as maiores beneficiárias do programa.

Sindicalistas de polos automotivos relatam também que alguns fabricantes interessados em adotar a ferramenta para reduzir custos com a folha de pagamento durante a crise desistiram de fazê-lo após saberem, com a regulamentação do PPE, que seriam obrigados a comprovar regularidade com o Fisco.

Por enquanto, a Grammer - uma fabricante de assentos automotivos instalada em Atibaia, no interior paulista - foi a única a fechar acordo coletivo com trabalhadores e dar entrada, no site do Ministério do Trabalho, ao processo de habilitação ao programa.

Valter Jesus Brajão, presidente do sindicato dos metalúrgicos na região da Grammer, diz que o acordo foi aprovado pelos funcionários em votação secreta na última quinta-feira, após, como exigem as regras do PPE, a empresa esgotar as ferramentas de flexibilização da mão de obra, tais como férias coletivas e uso de banco de horas. Não houve, contudo, unanimidade em relação ao plano, rejeitado por 30% dos 480 empregados da Grammer, diz o sindicalista.

"Nenhum sindicato é favorável à redução de jornadas e de salários. Esperamos que isso seja uma situação temporária", afirma Brajão, acrescentando que negociou o acordo para evitar mais demissões - desde o ano passado, o sindicato homologou 187 cortes na Grammer.

Segundo ele, outras quatro empresas de componentes automotivos da região de Bragança Paulista (SP) já manifestaram interesse em aderir ao PPE. Entre elas, cita a fabricante de maçanetas de porta Huf, cuja fábrica também está em Atibaia.

O Valor apurou que fabricantes de autopeças na região do ABC paulista, o maior polo automotivo do país, também já começaram a negociar participação no PPE com o sindicato local.

Jorge Nazareno, presidente do sindicato dos metalúrgicos de Osasco (SP), diz que três empresas estavam interessadas no programa, mas uma delas já descartou a solução porque não está em dia com o pagamento de impostos, uma das exigências do governo. Sindicatos que representam metalúrgicos na capital paulista e na região de Campinas informam que há empresas pleiteando ou fazendo consultas sobre o PPE.

Já os sindicatos de outros seis grandes centros de produção metalmecânica - Guarulhos (SP), São Caetano do Sul (SP), Caxias do Sul (RS), Gravataí (RS), Curitiba (PR) e Camaçari (BA) - dizem que não foram procurados para negociar o programa, que, em troca da garantia de manutenção de emprego, reduz em até 30% o custo com o pagamento de salários.

## **Confiança dos consumidores tem ligeira melhora em julho, nota CNI**

31/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

O brasileiro está menos pessimista em relação à renda, situação financeira, ao endividamento, à inflação e ao desemprego. O Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec) aumentou 1,8% de junho para julho, o que indica ligeira melhora da confiança. O Inec é calculado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope).

O índice, no entanto, se mantém abaixo do verificado em julho de 2014 (10,6%) e é o segundo menor da série histórica iniciada em junho de 2001 – apenas em junho deste ano, o percentual foi inferior.

Dos seis componentes que formam o Inec, somente a expectativa de consumo de bens de maior valor caiu em relação a junho. O índice teve queda de 2,1%.

Segundo a CNI, a expectativa de melhora da renda pessoal foi a mais significativa. O índice aumentou 5,5%, o que significa que os trabalhadores estão com uma perspectiva mais positiva para a própria renda, nos próximos seis meses, do que a que tinham em junho.

Para verificar o índice, foram ouvidas 2.002 pessoas em 142 municípios de 16 de julho a 22 de julho.

### **Cepal: América Latina crescerá 0,5% em 2015, mas Brasil encolherá 1,5%**

31/07/2015 - Fonte: R7

A América Latina deve crescer 0,5% neste ano por causa de fatores externos e internos à região, segundo projeções divulgadas, nesta quarta-feira (29), pela Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (Cepal). O instituto da ONU, entretanto, prevê contração de 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

A estimativa da Cepal está em linha com o que espera o governo brasileiro. Na semana passada, o Ministério do Planejamento estimou contração de 1,49% do PIB brasileiro neste ano. Analistas ouvidos pelo Banco Central, no entanto, esperam queda maior, de 1,76%.

O Panamá deve ser o país com o maior crescimento neste ano, de 6%. A projeção de expansão da economia do México é de 2,4% e a da Argentina, 0,7%. Pior que a estimativa do Brasil só a da Venezuela, cuja economia deve "encolher" 5,5%.

De acordo com o estudo da Cepal, o lento crescimento da economia mundial neste ano, em especial a desaceleração da China, gera impactos no ritmo da atividade da região. Para o organismo, o comércio mundial se transformou em um problema estrutural. A menor demanda externa dos países afeta o preço dos produtos básicos. A isso se soma a incertezas nos mercados financeiros internacionais.

No entanto, o ritmo lento do crescimento da maior parte dos países da região e a retração do Brasil são explicados por fatores internos, como a contração do investimento e a desaceleração do consumo. Houve uma mudança na principal base do crescimento dos últimos anos, afirma a Cepal.

O organismo propõe "dinamizar" o processo de investimento para retomar o crescimento da região. "Redinamizar o crescimento no curto e longo prazo é necessário para impulsionar o investimento público e privado em tempos complexos", afirmou Alicia Bárcena, secretária-executiva da Cepal.

Ela sugere que os países adotem parâmetros fiscais que protejam o investimento e recorram a parcerias público-privadas e a novas fontes de financiamento (como o novo banco dos BRICS).

A economia em letargia terá efeito direto no aumento das demissões, estima a Cepal. Para este ano, o organismo estima que a taxa de desemprego da região será de 6,5% - em 2014, fechou em 6%.

## **Indicador de atividade da indústria cai em junho ante maio, segundo Fiesp**

31/07/2015 - Fonte: Em.com

O Indicador de Nível de Atividade (INA) da indústria paulista caiu 1,3% em junho ante maio, na série com ajuste sazonal. Na série sem ajuste, a redução foi de 2,9%, informou nesta quinta-feira a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Na comparação de junho com o mesmo mês de 2014, na série sem ajuste sazonal, o indicador também caiu 2,9%. No acumulado do ano, o INA, sem ajuste, registra queda de 3,3%.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) ficou em 78,1% em junho ante os 79,5% de junho de 2014 e os 78,8% de maio deste ano, na série sem ajuste. Já na medição com ajuste, o Nuci do mês passado foi de 78% ante os 79,8% de junho de 2014 e os 78,6% de maio de 2015.

De acordo com o diretor do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (Depecon) da Fiesp, Paulo Francini, o cenário para a indústria de transformação continuará "desafiador" no segundo semestre tendo em vista o aumento dos custos e as incertezas do cenário macroeconômico.

"O mais dramático é que ao se olhar nos vários campos - na estrutura econômica, política, jurídica - o que nos aguarda no futuro, percebe-se que vai piorar", afirmou, em nota. "É um ano terrível", completou.

A Fiesp informou ainda que o INA de maio foi revisado de 1,2% para 1%, na série com ajuste sazonal. Já na série sem ajuste, o indicador de maio foi revisado de alta de 2% para 3,1%.

### **Sensor**

A confiança dos empresários industriais paulistas ficou em 47,6 pontos na pesquisa Sensor de julho, ante os 46,8 pontos na sondagem de junho, na série com ajuste, segundo a Fiesp. O indicador busca obter informações da atividade da indústria de transformação durante o mês corrente da coleta de dados.

Na série sem ajuste, o indicador chegou aos 47 pontos em julho ante os 45,9 pontos de junho. Apesar da alta do indicador, ele continuou abaixo dos 50,0 pontos, sinalizando queda da atividade industrial para o mês.

De acordo com a Fiesp, dos cinco itens que compõem o Sensor, um apresentou alta em relação à sondagem anterior, um teve queda e três ficaram estáveis e um caiu. A alta foi registrada em Estoque, que avançou de 41,8 pontos em junho para 48,0 pontos em julho.

A situação de continua em nível de sobrestoque, que, segundo o levantamento, é representada por leituras inferiores a 50,0 pontos.

O item Vendas foi o que registrou resultado negativo, ao cair de 50,7 pontos em junho para 48,6 em julho. Já os indicadores de Mercado (48,3 pontos), Emprego (48,5) e Investimento (47,3 pontos) ficaram estáveis.

## **Minério de ferro fecha julho com perdas de quase 11% no mercado chinês**

31/07/2015 - Fonte: Reuters

70 minério de ferro no mercado à vista da China recuou novamente nesta sexta-feira e fechou julho com perdas acumuladas de 10,8 por cento, em meio a uma fraca demanda das siderúrgicas dos países e uma grande oferta da matéria-prima do aço.

O minério com entrega imediata no porto de Tianjin caiu 3,1 por cento nesta sexta, para 52,90 dólares por tonelada, segundo o The Steel Index.

A produção de aço poderá ser restringida em áreas no entorno de Pequim para reduzir a poluição do ar antes de uma grande parada militar que irá celebrar o 70º aniversário da vitória da China na Segunda Guerra Mundial, em setembro, segundo fontes do mercado.

"Eu não acho que haja grande intenção das usinas para recompor estoques fortemente. Os estoques de minério de ferro ainda estão relativamente altos", disse a analista Helen Lau, da Argonaut Securities, em Hong Kong.

## **Quase 80% das indústrias paranaenses já foram afetadas pela crise, revela pesquisa**

31/07/2015 - Fonte: Agência FIEP



Levantamento encomendado pela Fiep e realizado pelo instituto Paraná Pesquisas mostra pessimismo dos empresários para o restante de 2015, com expectativa de queda nas vendas. Indústrias químicas estão entre as mais pessimistas, segundo a pesquisa .

A maioria das indústrias paranaenses já está sofrendo as consequências da crise econômica do país e se diz pessimista em relação ao restante de 2015. Esses são alguns dos principais resultados de um levantamento encomendado pela Federação das Indústrias do Paraná (Fiep).

O instituto Paraná Pesquisas ouviu representantes de 1.002 indústrias do Estado, que foram questionados sobre a situação de suas empresas, quais são os problemas críticos enfrentados pelo setor atualmente e perspectivas para o futuro.

O número que mais chama atenção na pesquisa diz respeito aos impactos do atual cenário econômico do país: 78,8% das empresas entrevistadas afirmam que já foram afetadas pela crise.

Esse resultado está ligado diretamente ao desempenho da indústria em 2015 e faz com que 83,6% dos entrevistados afirmem que as vendas neste ano serão iguais ou menores do que as de 2014. Além disso, 86,6% acreditam em quedas no faturamento.

Os resultados desanimadores também fazem despencar o nível de otimismo do industrial paranaense. Questionadas sobre as expectativas para o restante de 2015, 64,4% do total

de entrevistados dizem estar pessimistas. Para 95,1% deles, a economia brasileira estará em recessão ou estagnada ao final do ano.

“Nosso objetivo com esta pesquisa era perceber como está a situação para o setor industrial paranaense, especialmente para as micro e pequenas empresas”, explica o presidente do Sistema Fiep, Edson Campagnolo.

“O que constatamos é que, assim como já apontavam outros indicadores, o cenário nas indústrias está sendo fortemente impactado pelos problemas que vemos na economia do país. E o que mais nos preocupou é que as micro e pequenas empresas, que não vinha sendo tão impactadas, agora também estão sofrendo com a crise”, acrescenta.

Para Campagnolo, os resultados da pesquisa são mais uma prova de que os governos federal e estadual devem adotar medidas efetivas para recuperar a atividade econômica e melhorar as condições de produção no Brasil e no Paraná.

“O empreendedor sempre busca soluções para suas empresas, mas precisamos de um ambiente que realmente favoreça os negócios e torne o produto brasileiro e paranaense mais competitivo”, diz.

Se para a indústria paranaense em geral o panorama é nebuloso, a pesquisa revela que alguns segmentos específicos se mostram ainda mais pessimistas. É o caso do setor de Produtos Químicos. As empresas desse ramo entrevistadas pelo Paraná Pesquisas se mostraram ainda mais preocupadas.

Questionadas se já foram afetadas pela crise, 91,1% das fabricantes de produtos químicos dizem que sim – contra 78,8% da indústria em geral. Quanto às perspectivas para o restante de 2015, 85,2% das companhias desse segmento afirmam estar pessimistas – ante 64,4% da média de todos os outros setores. E quase a totalidade delas – 97% – acredita que as vendas serão iguais ou menores que as de 2014.

O presidente do Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas do Paraná (Sinqfar), Marcelo Melek, afirma que os resultados não chegam a surpreender. “A pesquisa reflete muitas das demandas que o sindicato vem recebendo nos últimos meses”, declara. “As indústrias de produtos químicos são, em sua maioria, fornecedoras de insumos para outras cadeias produtivas. Se a produção desses outros setores desaquece, elas sofrem”, acrescenta.

Segundo Melek, o segmento já vem registrando queda em suas vendas desde o ano passado. Situação que se mantém em 2015, de acordo com a pesquisa conjuntural do Departamento Econômico da Fiep.

De janeiro a maio, houve uma retração de -2,69% nas vendas do setor, em comparação com igual período de 2014. “Vem sendo um péssimo ano para o setor, com muitas empresas demitindo. E novos cortes podem acontecer nos próximos meses”, explica o presidente do Sinqfar.

### **Sobre a pesquisa**

O levantamento da Paraná Pesquisas ouviu, entre os dias 16 e 30 de junho, representantes de 1.002 empresas paranaenses, de 29 setores industriais. No total, 38% delas são de Curitiba e Região Metropolitana e 62%, do Interior. Quanto ao porte das empresas, 87% são micro ou pequenas indústrias, 9% médias e 4% grandes.

Em relação aos respondentes da pesquisa, 46,61% ocupam cargos de gerência, 33,33% são proprietários ou sócios das empresas e 9,58% são diretores. Segundo o instituto, a

amostragem garante à pesquisa um grau de confiança de 95%, com margem de erro de 3%.

## **Maioria das empresas cortou ou reduziu investimentos em 2015**

31/07/2015 - Fonte: Agência FIEP

Além de afetar o ânimo dos empresários para o restante de 2015, os efeitos da crise econômica vêm prejudicando também os planos de expansão da indústria paranaense. O levantamento realizado pelo instituto Paraná Pesquisas, a pedido da Fiep, revela que 76,6% das empresas cortaram ou reduziram seus investimentos neste ano. A boa notícia, porém, é que mais da metade das indústrias diz estar fazendo esforços para evitar demissões e manter seus quadros de colaboradores como estão.

Em relação à aplicação de recursos, 44,6% das empresas entrevistadas afirmam que os investimentos foram cortados por completo neste ano. Outros 32% dizem que seguem investindo, mas em níveis menores que os de 2014. Por outro lado, 13,8% revelam que os investimentos foram mantidos em relação ao ano passado e apenas 9% garantem que vão investir mais em 2015.

Em alguns segmentos, a redução nos investimentos pode ser ainda maior. É o caso do setor de impressão. Das empresas dessa área entrevistadas pelo Paraná Pesquisas, 72,5% afirmam que cortaram por completo os investimentos em 2015. Outras 7,5% dizem que vão investir menos do que em 2014.

Apesar das perspectivas de queda nas vendas e no faturamento neste ano, mais da metade das indústrias entrevistadas afirma que o número de colaboradores vai ser mantido como está.

No total, 54,3% das indústrias respondeu que não pretende demitir neste ano, mesmo com as dificuldades. Somam-se a elas outros 7,3% que garante que suas empresas contrataram ou pretendem contratar mais colaboradores em 2015. Por outro lado, 38,2% das empresas dizem que já demitiram ou pretendem demitir.

Também nesse quesito, o setor de impressão mostrou resultados mais preocupantes que a média geral. No total, 55% das indústrias do segmento afirmam que demitiram ou pretendem demitir em 2015.

“Realmente as demissões em nosso setor no Estado estão acima da média nacional este ano”, admite o presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas do Paraná (Sigep), Abílio Santana. “Em média, as gráficas do Paraná cortaram cerca de 20% de seus quadros de colaboradores”, completa.

Segundo ele, essa situação está diretamente ligada à queda no faturamento das empresas. A pesquisa conjuntural do Departamento Econômico da Fiep mostra que, de janeiro a maio, as vendas do setor acumulam queda de -8,66% em relação ao mesmo período de 2014. “Os números comprovam que tivemos um primeiro semestre muito difícil”, afirma.

Apesar disso, Santana declara que a crise também é um momento que deve servir para que as empresas revejam seus processos, busquem novos mercados e se fortaleçam para quando houver a retomada do crescimento econômico. “O empreendedor é um otimista e precisa sempre buscar alternativas”, diz.

Para comprovar sua tese, Santana usa o exemplo de sua própria indústria, a Hellograf. No ano passado, a empresa fez o maior investimento de sua história ao importar da Alemanha uma nova impressora.

“Não está sendo um ano fácil, mas graças ao planejamento que fizemos e ao foco que colocamos nos negócios, temos a expectativa de crescer na casa dos dois dígitos em 2015. Se não tivéssemos feito esse investimento, a estimativa é que teríamos uma redução de 25% nas vendas”, revela.

O crescimento, caso confirmado, virá especialmente pela conquista de novos clientes, que procuraram a empresa após a aquisição do equipamento. Hoje, 40% do faturamento da Hellograf vem de empresas que se tornaram clientes da gráfica há menos de um ano.

### **Carga tributária, inflação e custos de energia e matérias-primas preocupam empresários**

31/07/2015 - Fonte: Agência FIEP

Esses fatores foram apontados como os principais problemas críticos para a indústria atualmente.

O levantamento encomendado pela Fiep ao instituto Paraná Pesquisas também questionou as indústrias paranaenses sobre quais são os principais problemas que o setor enfrenta atualmente. Nas respostas espontâneas, prevaleceram fatores ligados ao cenário econômico desfavorável (43,5%), carga tributária (25,9%) e aumento de custos (19,9%).

Os entrevistados também foram estimulados a opinar se classificam algumas questões específicas como problemas críticos para a indústria. Nessa avaliação estimulada, 97,2% concordam que a carga tributária compromete o desempenho das empresas. Em relação à inflação, o índice chegou a 93,8%.

Em seguida, aparecem os aumentos de custos da energia elétrica (92,6%) e das matérias-primas (81%). Fatores como mão de obra (61,1%), infraestrutura (61,1%) e concorrência (39%) completam a lista.

A pesquisa também levantou a opinião das empresas sobre quais projetos ou iniciativas podem ser implantadas para melhoria do setor industrial. Nesse questionamento, com respostas espontâneas, 48,6% dos entrevistados apontou a Reforma Tributária. Na sequência, foram indicados também a qualificação de mão de obra (13%), a redução de custos (11,8%), políticas de incentivo (9,4%) e acesso a crédito e financiamento (7,3%).

O presidente do Sistema Fiep, Edson Campagnolo, afirma que os principais resultados estão alinhados com as demandas que a entidade tem levado ao poder público. Ele destaca que, no ano passado, a Fiep produziu o documento “Propostas para Competitividade da Indústria Paranaense – Recomendações para Política Industrial”, que apresenta as principais demandas do setor.

“Diante desse cenário preocupante revelado pela pesquisa, fica ainda mais evidente que precisamos, de uma vez por todas, que medidas como as apresentadas pela Fiep neste documento precisam sair do papel e se tornar realidade para garantir o desenvolvimento do setor industrial e de nossa economia em longo prazo”, completa Campagnolo.

A publicação aponta as ações consideradas essenciais para o segmento, divididas em 12 eixos: relações do trabalho; tributação; infraestrutura e logística; ambiente macroeconômico; segurança jurídica e burocracia; eficiência do Estado; desenvolvimento

de mercados; financiamentos; inovação; produtividade; educação; sustentabilidade e responsabilidade social.

## **Empresas podem tirar certidão negativa rapidamente, mesmo com pendências tributárias**

31/07/2015 - Fonte: Agência FIEP

Muitas empresas precisam de CNDs, Certidões Negativas de Débitos Tributários para receber de grandes empresas ou órgãos públicos, mas com as dificuldades econômicas, pendências tributárias as impedem de tirar as certidões, e portanto, impedem de receber.

Por sorte existem soluções simples e baratas para estas empresas colocarem sua vida em ordem, e tudo começa na contabilidade, é importante que a empresa tenha uma contabilidade ágil e transparente.

A empresa atualmente precisa ter um certificado digital e por meio deste sistema, tirar um relatório de pendências fiscais, percebemos que mais de 50% dos motivos que impedem a empresa de tirar CND são irregularidades em declarações que podem ser resolvidas em poucas semanas a um custo muito baixo, eventualmente pagando pequenas taxas ou multas, mas é frequente notar que a contabilidade não informa o cliente para não ser responsabilizada.

Os outros 50% dos problemas normalmente são os devedores, e, mesmo assim existem formas judiciais de conseguir as certidões, basta interpretar e aplicar o código tributário nacional, em seus artigos 205 e 206.

“Art. 205. A lei poderá exigir que a prova da quitação de determinado tributo, quando exigível, seja feita por certidão negativa, expedida à vista de requerimento do interessado, que contenha todas as informações necessárias à identificação de sua pessoa, domicílio fiscal e ramo de negócio ou atividade e indique o período a que se refere o pedido.

Parágrafo único. A certidão negativa será sempre expedida nos termos em que tenha sido requerida e será fornecida dentro de 10 (dez) dias da data da entrada do requerimento na repartição.”

“Art. 206. Tem os mesmos efeitos previstos no artigo anterior a certidão de que conste a existência de créditos não vencidos, em curso de cobrança executiva em que tenha sido efetivada a penhora, ou cuja exigibilidade esteja suspensa.”

O artigo 206 do CTN possibilita a utilização de estratégias para caucionar os débitos administrativa ou judicialmente, com base nestes procedimentos fazer os lançamentos apropriados e conseguir a emissão da CND positiva com efeitos de negativa, é importante entender a situação específica da empresa para preparar uma estratégia personalizada com mais velocidade e menor custo.

*(Gilberto de Jesus da Rocha Bento Jr - É titular do Bento Jr Advogados. Advogado com vasta experiência e atuação nas áreas empresarial, tributária, trabalhista e relações de consumo. Pós-graduado em Direito Tributário, Direito Empresarial, Direito Processual, Empreendedorismo e Doutorando em Direito Constitucional.)*

## **Segundo semestre deve ser mais difícil para os pequenos empresários**

31/07/2015 - Fonte: Fenacon

**Cerca de 46% das indústrias, por exemplo, esperam aumento em seus custos de produção, sendo que em 35% dessas são com insumos; já no comércio, as vendas podem cair 4% em todo o ano**

São Paulo - A alta taxa de juros, o menor acesso ao crédito, o aumento de impostos e a inflação batendo quase 10% são alguns dos fatores que devem prejudicar ainda mais o dia a dia do pequeno empresário brasileiro nesse segundo semestre.

De acordo com associações entrevistadas, não há perspectiva de melhora nesse período, o que deve prejudicar a arrecadação dos governos regionais e da União.

A porcentagem de micro e pequenas indústrias paulistas, por exemplo, que estão enfrentando alta significativa em seus custos de produção saltaram de 41% em junho de 2014, para 54% no mesmo mês deste ano.

Os números são do Indicador de Atividade da Micro e Pequena Indústria, divulgado ontem. A pesquisa é encomendada pelo Sindicato da Micro e Pequena Indústria de São Paulo, (Simpí) ao Datafolha e, de acordo com o presidente da associação, Joseph Couri, serve para sinalizar "tendências" para toda a economia.

A queda no índice foi puxada pelo aumento dos gastos com matérias primas e insumos em 45% das empresas, o pior resultado da série histórica, segundo o Simpí. Além disso, 46% das micro e pequenas indústrias esperam novos aumentos com custo de produção em julho, sendo que, em 35% dessas, os gastos serão, novamente, com insumos.

"Estamos vivendo uma sandice quando se trata de custos nas indústrias. Tudo aquilo que é administrado pelo governo está subindo muito, como os preços da energia, dos combustíveis. Esses insumos são essenciais para o setor", afirma ele.

"Além disso, a inflação está beirando os 10% e somos [Brasil] recordistas mundiais em alta taxa de juros. O custo do dinheiro está cada vez mais caro no mercado. Isso significa menor poder de compra por parte da população.

E, com a renda e o consumo indo embora, caem as vendas e, conseqüentemente, a produção industrial retrai", acrescenta.

Couri diz que esse cenário deve permanecer até o final deste ano, pontuando que, nos próximos três meses, cerca de 13% de micro e pequenas indústria correm o risco de fecharem as suas portas.

### **Vendas em queda**

No comércio, as expectativas também não são boas. Vitor França, assessor econômico da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (FecomercioSP), estima que as vendas do setor podem cair 4% neste ano.

"O faturamento do comércio já teve queda de 3%", informa ele. Os juros altos e os custos com energia também são pesos para o segmento, assim como a restrição ao crédito. Além disso, França lista que alguns dos outros principais gastos do comércio, de forma geral, estão nos impostos e infraestrutura. "Uma das únicas oportunidades está no preço do aluguel, que está bem mais fácil de negociar com o mercado superofertado", afirma.

O representante da FecomercioSP diz que nos indicadores de expectativas, os pequenos empreendedores costumam ter avaliações mais otimistas do que os grandes empresários.

"Entretanto, isso não quer dizer que o cenário está melhor para o pequeno comércio. Pelo contrário. O ambiente de negócios é sempre mais hostil aos donos de estabelecimentos menores. O que faz com que estes estejam bem mais preparados para lidar com situações adversas", comenta Vitor França.

O presidente da Proxis e especialista em pequena empresa, Jimmy Cygler, diz que a crise pode oferecer boas oportunidades para reduzir custos. Ele diz, por exemplo, que neste momento é possível renegociar com mais facilidade contratos com preços mais baixos do que o usual.

França acrescenta que uma das notícias positivas está nos indicadores de estoque. Ele conta que desde o início do ano até junho, a proporção de empresas com estoques acima do desejado estava alta. "Isso é ruim, porque é um dinheiro parado que poderia estar aplicado", afirma França.

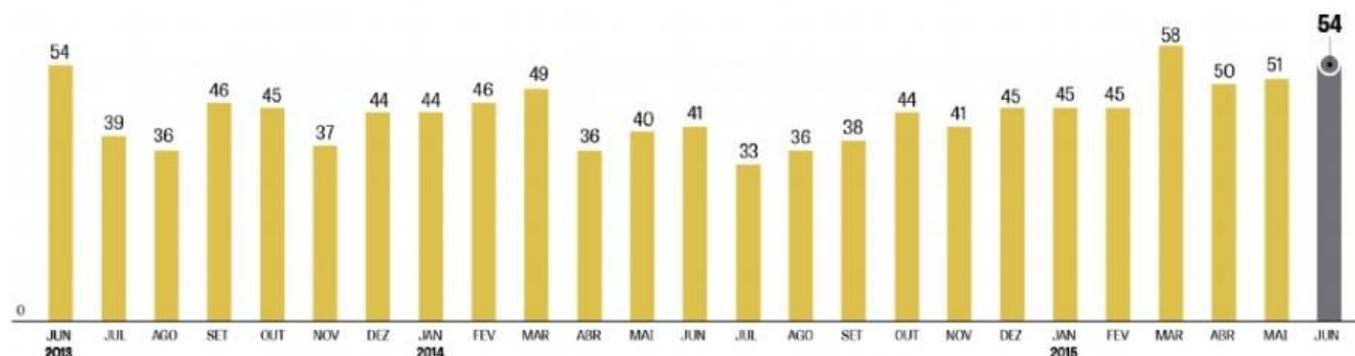
Em maio, cerca de 36,5% dos estabelecimentos comerciais estavam com estoques acima do desejado, ao passo que, em julho, essa porcentagem caiu para 27,9%. "É uma queda significativa que nos dá um bom sinal em relação à sobrevivência das empresas. Os empresários estão cientes de que as vendas não devem voltar tão cedo e estão se adaptando".

No último dia 23, a Secretaria da Micro e Pequena Empresa divulgou que a receita do Simples Nacional teve crescimento de 6,73% no primeiro semestre deste ano. Para os especialistas entrevistados, entretanto, se depender do comércio e da indústria, a arrecadação pública deve cair.

O presidente do Simpi acrescenta ainda que investigações em torno do BNDES e do setor elétrico podem trazer mais problemas para a economia. "A própria presidente [da República, Dilma Rousseff] admitiu que a Lava Jato tirou um ponto percentual do PIB", alerta.

## SINALIZAÇÃO AO MERCADO

Percentual das micro e pequenas indústrias paulistas que tiveram alta no custo de produção



FONTE: SINDICATO DA MICRO E PEQUENA INDÚSTRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO (SIMPI)

## **Mineradora vende participação na MBR por R\$ 4 bilhões**

31/07/2015 - Fonte: Fenacon

A Vale guardou para o dia da divulgação do seu balanço do segundo trimestre a confirmação de mais dois passos do seu programa de venda de ativos iniciado em 2011. A companhia anunciou ontem a venda, por R\$ 4 bilhões, de uma fatia minoritária da Minerações Brasileiras Reunidas (MBR) e a conclusão da alienação de quatro navios do tipo Very Large Ore Carriers (VLOCs) para a China Merchants Energy Shipping por US\$ 448 milhões.

O anúncio dos dois negócios levou o presidente da Vale, Murilo Ferreira, a afirmar, durante teleconferência, que o programa de venda de ativos da companhia está "muito perto da conclusão", embora ainda haja algumas operações no radar, como a venda de participações na Mineração Rio do Norte (MRN), que produz bauxita na região Norte do país, e na MRS Logística.

O executivo disse ainda que há uma outra operação possível, ainda sigilosa: "Mas não posso contar porque vocês estão muito curiosos", respondeu Ferreira ao ser indagado em teleconferência com analistas.

Entre os negócios anunciados está a venda de ações preferenciais representativas de 36,4% do capital social da MBR para o Fundo de Investimentos em Participações Multisetorial Plus II, cujas cotas são detidas pelo Banco Bradesco BBI.

A Vale é proprietária, direta e indiretamente, de 98,3% do capital total da MBR e, após a conclusão da operação, a mineradora será proprietária, direta e indiretamente, de 61,9% do capital total e 98,3% do capital ordinário da MBR. A Vale também deterá uma opção de compra das Ações do FIP Plus II.

A MBR possui ativos para produção, transporte e embarque portuário do minério de ferro, que operam de forma integrada ao Sistema Sul e foram responsáveis pela produção de cerca de 65 milhões de toneladas no ano passado. Dentre os ativos detidos pela MBR estão também o Terminal Marítimo de Ilha Guaíba e uma participação de 32.9% na MRS Logística S.A. (MRS). Os ativos da MBR estão arrendados à Vale até 2037.

Pelo contrato de arrendamento, a Vale é responsável por toda a operação e comercialização do minério de ferro produzido nos ativos arrendados, bem como pelo pagamento do valor do arrendamento à MBR, que é devido trimestralmente e é baseado no volume de produção de minério e no preço médio do minério de ferro praticado no mercado internacional no trimestre de referência.

Por sua vez, a MBR é responsável por prover os recursos necessários à realização do plano de investimentos acordado entre as partes.

Ferreira fez questão de frisar que o acordo envolveu cinco entidades, em um processo de concorrência e garante uma opção, e não uma obrigação, de recompra por parte da Vale, no período de três a dez anos. "A MBR continua exposta ao preço do minério de ferro. O investidor não vai fazer nenhuma pressão no caixa da Vale, já que não possui em seu poder a capacidade de solicitar à Vale a recompra das ações", disse.

O FIP Multisetorial Plus II vai fazer jus a dividendos advindos do resultado desse contrato. Ferreira ressaltou que não existem dividendos obrigatórios nessa transação, mas apenas aqueles devidos pelo resultado da MBR.

Já a transação dos quatro navios para a China Merchant tem relação com acordos assinados em setembro de 2014 e maio de 2015. A Vale receberá o dinheiro quando houver a entrega dos navios o que está previsto para setembro deste ano.